



# A PRÁTICA COMO PESQUISA: UM DEBATE MAIS DO QUE VIGENTE

## Editorial

**Danilo Arrabal**  
**Mateus Fávero**  
**Maíra Gerstner**  
**Nailanita Prette**  
**Mariana Zimmermann**

### **Danilo Arrabal [daniloarrabal1@gmail.com](mailto:daniloarrabal1@gmail.com)**

Danilo Arrabal, é ator e pedagogo teatral formado em Artes Cênicas pela USP e mestrando em Artes Cênicas e Educação pela ECA-USP. Dedicar-se em sua pesquisa artístico-pedagógica a explorar os efeitos do contato com a linguagem teatral para educandos da rede pública e privada de São Paulo a partir da perspectiva de enfrentamento da lógica neoliberal atual. Busca propiciar pontes de cruzamento entre o olhar cotidiano e o olhar da experiência estética através do teatro e da performance. É docente em escolas técnicas de teatro, espaço em que ministra disciplinas como interpretação, improvisação e montagem teatral.

### **Mateus Fávero [fmartins.mateus@gmail.com](mailto:fmartins.mateus@gmail.com)**

Mateus Fávero é ator e dramaturgista, artista-pesquisador, movido pela pergunta: como pesquisar em teatro? É codiretor de Terceiro Abstracto, programa binacional (Chile/Brasil) de pesquisa e criação cênica. É bacharel (2017) e mestre em Artes Cênicas (2022) pela Universidade de São Paulo, com a dissertação: "Da pergunta à cena: Perspectivas metodológicas para a prática teatral como pesquisa". Especializou-se em Pesquisa-Criação Cênica (2021) pela UNAM (México), em parceria com a UBA (Argentina). Atualmente, é bolsista da FAPESP para a realização de sua investigação de doutorado na USP, "A Encenação da Pesquisa", e também é editor da Revista Aspas.

### **Maíra Gerstner [mairag@gmail.com](mailto:mairag@gmail.com)**

Psicoterapeuta corporal, professora, pesquisadora e artista oriunda do teatro, vem atuando na interface entre arte, educação e clínica desde 2013, ministrando cursos e workshops entre Brasil e França, tendo como principal influência o legado da artista brasileira Lygia Clark. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Em 2023, realizou doutorado sanduíche na Universidade de Paris 8, Vincennes Saint-Denis (França).

### **Nailanita Prette [nailanitaprette@hotmail.com](mailto:nailanitaprette@hotmail.com)**

Pesquisadora, professora e crítica de Dança. Doutoranda em Artes Cênicas pela USP, bolsista FAPESP, mestra em Artes pela UFMG, licenciada e bacharela em Dança pela UFV, técnica em Dança pela ETAM Santa Cecília. Membro do grupo de pesquisa LADCOR PPGAC/ECA/USP coordenado pela professora Dra Maria Helena Franco de Araújo Bastos. Trabalha com pessoas em privação de liberdade, pesquisa a corporeidade pelo viés da análise do movimento com interesse nos modos contemporâneos de dançar e suas reverberações políticas e estéticas no âmbito educacional e social. Editora da Revistas Aspas.

### **Mariana Zimmermann [zmariana@gmail.com](mailto:zmariana@gmail.com)**

Mariana Zimmermann (Auriceleste) é artista indisciplinada, Doutoranda em Artes Cênicas pela USP, Mestra em Artes Cênicas pela UnB e Bacharel, graduada em Artes Cênicas pela Unespar/FAP. Desenvolve desde de 2010 Vera Pequeno (sua persona performativa duracional), em um projeto de performance, montagem, vídeo e fotoperformance, tendo realizado o longa-metragem Vera Pequeno em o Atlântico levado atizou minha beleza, MuMa (2016). É editora na Revista Aspas - USP. É pesquisadora integrante do Laboratório de práticas performativas da ECA - USP e arte-educadora.

O desejo de publicar um número com o tema da *prática como pesquisa* foi despertado pelo aspecto movediço das pesquisas em artes e, mais especificamente, em artes da cena, que nos provocam, como artistas e pessoas pesquisadoras, inúmeras perguntas que nos levam a vasculhar a posição da prática artística nas pesquisas acadêmicas.

O debate da *prática como pesquisa* está intimamente vinculado com o ingresso da área de Artes nos mestrados e doutorados *stricto sensu*. Como escrevemos em nossa chamada, há cinquenta anos era implementado o primeiro mestrado em Artes no Brasil, e há quarenta era criada a área de Artes no CNPq. Qual é o atual estado desse debate em nosso país? E no exterior?

Agradecemos a cada pessoa pesquisadora que buscou dialogar com esta pergunta e com as demais de nossa chamada. Esta edição recebeu um grande número de submissões, o que revela, por um lado, a necessidade de um espaço científico no qual a prática artística possa ter sua relevância destacada. Mas, por outro lado, também expressa confusões acerca do próprio tema da chamada, evidenciando sua vigência. Seria toda prática artística pesquisa? Que conhecimento emerge dos processos criativos e pedagógicos? Como compartilhá-los? Por essas e outras questões, esta edição mobilizou de forma extraordinária a nossa equipe editorial e um grande número de pessoas avaliadoras, que, através da emissão de pareceres, não só contribuíram para a seleção dos textos deste dossiê, mas para o próprio debate da pesquisa em artes que aqui se consolida.

Esse debate engendra perguntas ontológicas, epistemológicas e metodológicas que serão fundamentais para cada artigo desta edição. A pesquisa em artes, em si mesma, propõe um deslocamento das estruturas hegemônicas da produção de conhecimento que hierarquizam os saberes. Questiona a forma como pensamos/praticamos a pesquisa, mas também como as organizamos/compartilhamos com o mundo. Nesse ínterim, a colonialidade, a visão dicotômica entre teoria e prática, a primazia da razão e de um suposto método científico, as noções de sujeito e objeto de pesquisa, o disciplinamento dos saberes são, entre tantas, noções questionadas pela prática como pesquisa. Mas como? Como esse processo se dá?

Escolhemos abrir o dossiê com o texto “**Considerações sobre algumas metodologias de pesquisa nas Artes Cênicas e sua produção textual na academia**”, de Inês Saber (Universidade Estadual do Paraná), por apresentar para as pessoas leitoras uma visão introdutória e panorâmica acerca do tema. Saber olha para o passado, apresentando-nos o contexto do surgimento da área de Artes no CNPq, nos anos 80, para lançar perguntas para o presente. A artista-professora-pesquisadora compartilha seu arcabouço teórico para entendermos as particularidades e diferenças entre importantes metodologias de pesquisa em nossa área: a Pesquisa baseada em Artes, a Prática como Pesquisa, a Pesquisa Performativa, a Metodologia, a Cartografia, a Etnografia, a Autoetnografia e a Pesquisa-Criação. A cartografia proposta por Inês Saber busca evidenciar não só a posição da prática artística na pesquisa, mas também o papel da escrita acadêmica acerca desses processos.

Defensor da Pesquisa-Criação, o renomado teatrólogo argentino Jorge Dubatti (Universidad de Buenos Aires) vem propondo há algum tempo, especialmente nas últimas duas décadas, a conformação de uma “Ciência da Arte” e de uma “Filosofia do Teatro”, fundamentadas nos conhecimentos que emergem a partir/na/para/sobre a *práxis* artística. Essas propostas têm exercido um impacto significativo tanto em seu país quanto na América Latina. Temos a honra de publicar nesta edição as elaborações mais recentes do autor, organizadas no artigo “**Criação-Pesquisa, Filosofia da Práxis Teatral e produção de conhecimento. Ator e espectador como sujeitos da Pesquisa Artística**”. Neste texto, Dubatti determina os “sujeitos” da pesquisa artística, caracteriza o “pensamento teatral” e destaca aspectos investigativos e teóricos acerca de quem atua e de quem espera. É importante destacar que a abordagem do teatrólogo parte de uma perspectiva pedagógica, vinculando teoria e prática do teatro com a docência e a aprendizagem.

Outra pesquisadora com um trabalho sólido e consolidado de longa data, Silvia Geraldi (Universidade de Campinas), apresenta suas contribuições para nosso dossiê. Geraldi, em seu texto “**Fazer-com a Prática como Pesquisa: tecendo experiências coletivas de produção de saberes nas artes da cena**”, desconfia do posicionamento da prática e da pesquisa como binômios opostos, onde a primeira é submissa à segunda. Indaga acerca do próprio conceito “Practice as Research” e dialoga com a experiência de dez

anos de seu grupo “Prática como Pesquisa: processos de produção da cena contemporânea”, da Unicamp. Tecendo experiências coletivas de produção de saberes nas artes da cena, propõe, aliada a Donna Haraway, um espaço de hesitação, no qual praticar uma pesquisa é “habitar o problema” e não, necessariamente, formular respostas.

Tendo em vista a “virada performativa” que se inicia no Brasil a partir dos 1990, conhecida principalmente pela chegada dos trabalhos de Richard Schechner e Victor Turner, temos, no texto de Luciana Hartmann e Ana Carolina S. Castro e no artigo de Oliver Olívia Fernandes, importantes desdobramentos conceituais deste pensamento. Com abordagens diferentes, ambos apresentam materiais que enriquecem o debate diante de formulações oriundas da antropologia que marcaram substancialmente a prática como pesquisa em Artes Cênicas no país. Hartmann (Universidade de Brasília) e Castro (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) apresentam o conceito de “etnografia performativa” como um princípio no qual os saberes estão encarnados por aqueles que pesquisam. Em Fernandes (Universidade de São Paulo), veremos a radicalização de tal noção quando o autor parte de sua transição de gênero para compor a sua escrita.

Assim, em **“A Etnografia Performativa como metodologia de pesquisa em Artes Cênicas”**, as autoras partem de um estado da arte para definir metodologicamente uma proposta de pesquisa performativa, que se propõe inter e multidisciplinar, vinculando teorias da comunicação, da antropologia, do teatro e de áreas afins. Já o texto **“A não-binariedade como princípio do programa performativo: a percepção da potência cênica do mundo pela transição de gênero”** apoia-se na noção de *Programa Performativo* para problematizar a perspectiva biologizante que opera em uma lógica binária. Com isso, o autor pensa o gênero como um ato, e o mundo como um laboratório de experimentação performativo.

Victor Hugo Neves de Oliveira (Universidade Federal da Paraíba), artista, professor e pesquisador das artes da cena, em seu texto **“Prática como pesquisa: provocações de um lugar escuro e afromatizado”**, nos convida a olhar para a “prática africana-indígena como pesquisa”. Realizando um contraponto com produtividade colonial-capitalista, propõe experimentar o descanso como metodologia de criação e produção de pensamento. Abre espaço

para o “desimportante” e o “insignificante” diante de um sistema produtivista balizado pela herança colonial. Sugere, então, uma técnica antiprodutivista, que reorganiza o corpo e valoriza o saber corporalizado a partir do descanso e de uma epistemologia afroaromatizada.

Já o pesquisador, ator e dramaturgo Marcos Coletta (Universidade Federal de Minas Gerais) destaca a importância da escrita como movimento em seu texto **“Notas sobre notas: diálogos entre dois diários de bordo como caminho de pesquisa sobre processos criativos”**. Compartilhando seu estudo doutoral, propõe uma visão criativa e original acerca do trabalho com os diários de bordo. Estes são encarados no escrito de Coletta como o próprio caminho metodológico, como eixo fundante, e não como mero material de apoio. Para estudar seu caderno de bordo de uma criação de 2016, o autor faz uso de um novo caderno de bordo. Por isso, “notas sobre notas”. Assim, Coletta põe em valor o registro dos processos de criação e os transforma em metodologia de investigação, utilizando os cadernos de bordo como uma ponte entre o processo de criação artística e a pesquisa acadêmica.

Em **“Dos plânctons aos corpos humanos’: pluralidade de sistemas em interação”**, artigo apresentado pela pesquisadora e professora Marcela Moura (Université Sorbonne Nouvelle e Cesgranrio) propõe-se uma investigação que vincula Arte e Ciência, artistas e cientistas, corpos humanos e não humanos. O texto se inicia com a historiografia dos processos e meios de pesquisa no âmbito do contexto científico moderno, a partir do século XIX. E, propondo uma interação entre os sistemas artísticos e científicos, desemboca no relato da criação de “Dos plânctons aos corpos humanos”, experimento resultante de pesquisa e criação de uma equipe interdisciplinar, apresentado na Bienal Artex 2023, em Paris. Moura nos convida a pensar como, na organização de um sistema complexo, entre pesquisadores “das artes” e “das ciências”, podemos produzir conhecimento. O que aprendemos dessa interação?

Além das experiências internacionais de Dubatti e Moura, esta edição conta com as contribuições de quatro pessoas pesquisadoras do programa de pós-graduação em Artes da Pontifícia Universidad Católica de Chile (UC). Isso não se dá por acaso: o programa apresenta um enfoque nas pesquisas baseadas na prática artística. Uma das responsáveis pela implementação

do doutorado nesta universidade foi Maria José Contreras, referência latino-americana na discussão. O programa tem sido um espaço profícuo para a continuidade do debate sobre a Pesquisa em Artes, alimentado tanto pelos docentes como pelos discentes. Nesta edição, contamos com um artigo em conjunto entre o professor Andrés Grumann Sölter e a professora Camila R. Cannobbio, outro proveniente do discente Luis Aros e um material da seção Forma Livre, do professor David Atencio.

Na investigação apresentada pelo artigo **“A sensação indissolúvel: A transdução entre corpo e som como PaR”**, Grumann se utiliza tanto de suas habilidades como artista sonoro, como de teatrólogo – ele é doutor em Estudos Teatrais e da Dança, tendo sido orientado por Erika Fischer-Lichte. Sua perspectiva material e performativa da cena se encontra com a de Camila R. Cannobbio, que se formou em Prática de Performance como Pesquisa e em Movimento e que trabalha a criação a partir da somática. Em um laboratório com metodologia PaR (Practice as Research), os pesquisadores buscam responder praticamente à pergunta “Como soa um corpo na sua interioridade?”. Através da “transdução”, levantam novas estratégias para tornar visível – ou audível – esse vínculo indissolúvel entre corpo e som.

Por outro lado, o artigo **“Em coro te falamos porque ninguém mais pode falar por si só. A busca por uma metodologia de pesquisa/criação além do antropocentrismo nas práticas vocais para o palco”**, de Luis Aros, questiona a ideia de que os performers são portadores e distribuidores de uma voz em cena. Para isso, desenvolve um processo criativo com base na *prática como pesquisa*, que se consolida no espetáculo “En coro te hablamos porque nadie puede hablar ya por sí mismo” (2022). Em sua obra, brinca com a ficção de que a voz decidiu abandonar os humanos para viver em outro lugar, sem tempo e espaço, para poder abordar estratégias concretas e cênicas que questionem a voz e sua agência no teatro.

Por fim, com a seção *Forma Livre*, da *Revista Aspás*, buscamos publicar resultados de pesquisas em Artes Cênicas que estejam organizados em suportes e/ou materialidades distintos aos do artigo científico, sempre e quando dialoguem com a chamada do dossiê. Nesta edição contamos com a “diagramaturgia” de FIGURA HUMANA, espetáculo dirigido em 2023 pelo artista-pesquisador David Atencio como parte de sua investigação doutoral

na Universidade de São Paulo. Em sua tese *Teatro Diagramático: o pensamento abstrato na prática do artista-cientista*, Atencio desenvolve o conceito de “diagramaturgia”, que, longe de ser uma mera combinação de palavras entre “diagrama” e “dramaturgia”, revela uma perspectiva sobre como praticar a pesquisa no teatro e de como estruturar uma montagem cênica resultante de pesquisa. Em “**Diagramaturgia FIGURA HUMAMA**”, Atencio contextualiza brevemente sua investigação e, em seguida, nos apresenta o texto da obra, construído não a partir da ação dramática, mas da relação entre axiomas e combinatórias.

Esperamos que este número contribua significativamente com as lacunas existentes no que diz respeito à relação entre prática artística/cênica e pesquisa científica. Esperamos organizar em um só lugar diversas vozes, perspectivas e investigações recentes e inéditas sobre o tema. Esperamos que este número seja mais uma linha desta grande rede, maleável porém firme, chamada *prática como pesquisa*.

Agradecemos mais uma vez a todas as pessoas que submeteram seus textos para esta edição e também àquelas – especialmente as pareceristas - que contribuíram para que este número pudesse ser agora publicado.

Que tenham uma excelente leitura.